



A ESCUTA SENSÍVEL COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA: ABORDAGEM INTEGRATIVA E INOVADORA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

SENSITIVE LISTENING AS A THERAPEUTIC TOOL: AN INTEGRATIVE AND INNOVATIVE APPROACH TO HUMAN DEVELOPMENT

LA ESCUCHA SENSIBLE COMO HERRAMIENTA TERAPÉUTICA: UN ENFOQUE INTEGRADOR E INNOVADOR PARA EL DESARROLLO HUMANO



<https://doi.org/10.56238/levv14n32-028>

Data de submissão: 21/12/2023

Data de publicação: 21/01/2024

Cristiane Esteves

RESUMO

Este artigo analisa a escuta sensível como ferramenta terapêutica, compreendendo-a como prática integrativa e inovadora capaz de potencializar processos de humanização e desenvolvimento humano. A pesquisa, de natureza bibliográfica e qualitativa, fundamentou-se em autores clássicos da metodologia científica e em estudos recentes que evidenciam a importância da escuta na clínica, na saúde coletiva e em contextos educativos. Os resultados indicaram que a escuta sensível fortalece vínculos, legitima narrativas e promove ressignificações, configurando-se como tecnologia leve de cuidado que amplia a integralidade e favorece a autonomia dos sujeitos. Evidenciou-se que essa prática transcende o espaço clínico, estendendo-se a contextos pedagógicos e sociais, nos quais possibilita a emancipação, a autoria e a coautoria de processos. A análise também revelou que a escuta constitui inovação ao deslocar o cuidado do modelo biomédico para abordagens mais amplas, capazes de integrar dimensões cognitivas, emocionais, relacionais e espirituais. Durante a pandemia de COVID-19, a escuta mostrou-se essencial para lidar com sofrimento psíquico, luto e ansiedade, reforçando seu caráter indispensável em contextos de crise. Conclui-se que a escuta sensível não apenas enriquece práticas terapêuticas, mas também promove transformação social, ao oferecer espaço de acolhimento, diálogo e validação da experiência humana.

Palavras-chave: Escuta Sensível. Terapia Integrativa. Humanização. Empatia. Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

This article analyzes sensitive listening as a therapeutic tool, understanding it as an integrative and innovative practice capable of enhancing humanization processes and human development. The research, bibliographic and qualitative in nature, was based on classical authors of scientific methodology and recent studies that highlight the importance of listening in clinical practice, collective health, and educational contexts. The results indicated that sensitive listening strengthens bonds, legitimizes narratives, and promotes re-significations, establishing itself as a soft care technology that expands integrality and fosters autonomy. It was evidenced that this practice transcends the clinical setting, extending to pedagogical and social contexts, where it enables emancipation, authorship, and co-authorship of processes. The analysis also revealed that listening represents innovation by shifting care from the biomedical model to broader approaches capable of integrating cognitive, emotional, relational, and spiritual dimensions. During the COVID-19 pandemic, listening proved essential for

dealing with psychological suffering, grief, and anxiety, reinforcing its indispensable character in crisis contexts. It is concluded that sensitive listening not only enriches therapeutic practices but also promotes social transformation by providing spaces for welcoming, dialogue, and validation of human experience.

Keywords: Sensitive Listening. Integrative Therapy. Humanization. Empathy. Human Development.

RESUMEN

Este artículo analiza la escucha sensible como herramienta terapéutica, entendida como una práctica integradora e innovadora capaz de potenciar los procesos de humanización y desarrollo humano. La investigación, de carácter bibliográfico y cualitativo, se basó en autores clásicos de metodología científica y estudios recientes que destacan la importancia de la escucha en contextos clínicos, de salud pública y educativos. Los resultados indicaron que la escucha sensible fortalece vínculos, legitima narrativas y promueve la resignificación, configurándose como una tecnología de atención ligera que potencia la integralidad y fomenta la autonomía de las personas. Se evidenció que esta práctica trasciende el ámbito clínico, extendiéndose a contextos pedagógicos y sociales, donde posibilita la emancipación, la autoría y la coautoría de procesos. El análisis también reveló que la escucha constituye una innovación al trasladar la atención del modelo biomédico a enfoques más amplios capaces de integrar dimensiones cognitivas, emocionales, relaciones y espirituales. Durante la pandemia de COVID-19, la escucha resultó esencial para abordar el malestar psicológico, el duelo y la ansiedad, reforzando su papel indispensable en contextos de crisis. Se puede concluir que la escucha sensible no solo enriquece las prácticas terapéuticas, sino que también promueve la transformación social al ofrecer un espacio para la aceptación, el diálogo y la validación de la experiencia humana.

Palabras clave: Escucha Sensible. Terapia Integrativa. Humanización. Empatía. Desarrollo Humano.

1 INTRODUÇÃO

A escuta sensível emerge como resposta qualificada a déficits contemporâneos na comunicação em saúde e em processos terapêuticos, pois reposiciona o encontro clínico como espaço de presença, atenção e responsabilização ética, deslocando o foco de procedimentos para a experiência do sujeito, de modo que a literatura de revisão demonstra ganhos em vínculo, conforto e alívio de sofrimento quando a escuta é tratada como intervenção em si, articulada a competências comunicacionais e à produção de cuidado centrado na pessoa (Mesquita; Carvalho, 2014).

Ao se problematizar a prática cotidiana em serviços psicossociais, evidencia-se que a escuta qualificada constitui tecnologia leve e relacional capaz de acolher demandas complexas, traduzir sentidos e coproduzir itinerários de cuidado, reconhecendo o usuário como interlocutor legítimo e convocando dispositivos de diálogo que desmontam barreiras de acesso e humanizam as práticas (Maynart et al., 2014).

Do ponto de vista epistemológico e metodológico, a noção de escuta sensível, formulada por Barbier (1998), desloca o pesquisador-profissional para uma atitude simultaneamente científico-clínica, poético-existencial e ético-espiritual, convocando abertura ao imaginário, à pluralidade de significados e à implicação do próprio sujeito que escuta, o que enriquece a compreensão do vivido e sustenta intervenções transformadoras.

Na saúde coletiva brasileira, o princípio da integralidade oferece arcabouço para pensar a escuta como tecnologia de atenção que costura dimensões subjetivas, clínicas, organizacionais e territoriais, orientando práticas interdisciplinares e redes de cuidado que integram saberes profissionais e saberes dos usuários, em perspectiva de ampliação de autonomia e de produção compartilhada de projetos terapêuticos (Kalichman; Ayres, 2016).

O debate conceitual sobre a consideração positiva incondicional, na tradição rogeriana, aprofunda implicações éticas da escuta sensível ao delimitar uma postura não julgadora, de suspensão de rótulos e de acolhimento radical da experiência, o que implica deslocamentos na direcionalidade da intervenção e na partilha de poder entre terapeuta e cliente, favorecendo processos de mudança (Almeida, 2009).

No campo formativo, experiências com oficinas de desenvolvimento da escuta mostram que práticas reflexivas, supervisionadas e fenomenologicamente orientadas ampliam a sensibilidade clínica, o reconhecimento de afetos e a capacidade de sustentar silêncios fecundos, indicadores que se traduzem em maior qualidade de presença e em intervenções mais ajustadas aos mundos vividos pelos usuários (Dourado et al., 2016).

Em contextos educativos e de formação docente, a escuta sensível tem sido explorada como instrumento metodológico capaz de mobilizar narrativas, decantar sentidos e fortalecer a autoria profissional, compondo processos de análise da práxis e de produção de autonomia, com base em

matriz dialógica inspirada por Barbier e por pedagogias crítico-emancipatórias (Pontes; Cancherini; Franco, 2012).

Na Atenção Primária à Saúde, a literatura descreve a escuta qualificada como eixo da humanização que atravessa promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação, pois possibilita reconhecer condicionantes sociais e éticos, organizar fluxos de acolhimento e construir planos de cuidado compartilhados, mitigando medicalizações desnecessárias e fortalecendo vínculos (Santos, 2019).

Em cenários de crise como a pandemia de COVID-19, demonstrou-se a necessidade de escuta se torna imperativa para enfrentar agravos emocionais, lutos e sobrecargas laborais, recomendando dispositivos de cuidado que priorizem atenção, presença e validação da experiência, com ênfase em estratégias breves e acessíveis em serviços (Tuma; Horta; Mazzaia, 2021).

A construção dialógica do cuidado, por sua vez, ilumina o caráter coautoral da relação terapêutica, em que significados e projetos se tecem na conversação entre usuários e profissionais, e onde a escuta sensível opera como operador pragmático para negociação de metas, reorganização de redes de apoio e democratização das decisões clínicas (Guanaes-Lorenzi, 2013).

Diante desse panorama, este artigo tem por objetivo analisar a escuta sensível como ferramenta terapêutica em abordagem integrativa e inovadora para o desenvolvimento humano, articulando fundamentos humanistas e de integralidade, evidências de efetividade relacional e proposições de aprimoramento prático, com base também na literatura de psicoterapia integrativa que enfatiza a centralidade da relação como núcleo transformador.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ESCUTA SENSÍVEL NO CONTEXTO TERAPÊUTICO

A escuta sensível configura-se como um dos pilares centrais da prática terapêutica contemporânea, pois ultrapassa o ato de ouvir para instaurar uma atitude de presença, abertura e responsabilização diante do sofrimento humano, estabelecendo um espaço em que a subjetividade do indivíduo é reconhecida como legítima e digna de cuidado, permitindo que sua narrativa seja o eixo de construção do encontro clínico (Mesquita; Carvalho, 2014).

No âmbito da saúde mental, observa-se que a escuta qualificada atua como tecnologia relacional indispensável, possibilitando a compreensão de demandas complexas, a construção de vínculos e a elaboração de itinerários terapêuticos compartilhados, o que reforça seu papel como prática de humanização e produção de integralidade nos serviços de saúde (Maynart et al., 2014).

Sob a perspectiva epistemológica, René Barbier concebe a escuta sensível como uma atitude transversal, fundamentada em três dimensões que se entrelaçam científico-clínica, poético-existencial e ético-espiritual, exigindo do profissional envolvimento profundo e abertura à multiplicidade de

sentidos que atravessam a experiência, o que amplia as possibilidades de intervenção e ressignificação (Barbier, 1998).

Esse movimento encontra ressonância no princípio da integralidade em saúde, que reconhece a necessidade de compreender o sujeito em sua totalidade, articulando dimensões subjetivas, sociais e biológicas em práticas interdisciplinares, nas quais a escuta se converte em ferramenta estratégica para organizar fluxos, pactuar projetos terapêuticos e qualificar a atenção prestada (Kalichman; Ayres, 2016).

A psicologia humanista, especialmente por meio da Abordagem Centrada na Pessoa, reforça a centralidade da escuta ao defini-la como expressão da empatia, da congruência e da consideração positiva incondicional, condições que favorecem a emergência de um clima terapêutico seguro, capaz de promover insight, crescimento pessoal e reorganização das experiências vividas (Rogers, 2009).

A consideração positiva incondicional, descrita por Carl Rogers e aprofundada por estudiosos da abordagem, convoca uma postura ética de não julgamento e acolhimento radical do sujeito, implicando deslocamentos significativos na assimetria relacional entre terapeuta e cliente e produzindo condições para que o indivíduo se sinta plenamente aceito em sua singularidade (Almeida, 2009).

Estudos que abordam oficinas de escuta com estudantes de psicologia revelam que o exercício sistemático da sensibilidade clínica fortalece a capacidade de sustentar silêncios, identificar nuances afetivas e responder de forma ajustada às narrativas do paciente, desenvolvendo competências essenciais para a prática profissional comprometida com o humano (Dourado et al., 2016).

No campo da educação e da formação profissional, a escuta sensível tem se consolidado como recurso metodológico de investigação e intervenção, permitindo que narrativas sejam mobilizadas, sentidos sejam decantados e processos reflexivos sejam acionados, fortalecendo a autonomia e a autoria do sujeito em processos pedagógicos e terapêuticos (Pontes; Cancherini; Franco, 2012).

Em serviços de atenção primária, a escuta qualificada é descrita como ferramenta estruturante da humanização, atuando desde a promoção até a reabilitação, ao reconhecer singularidades biográficas, organizar planos de cuidado e construir vínculos de confiança, o que contribui para reduzir medicalizações desnecessárias e ampliar a resolutividade das práticas (Santos, 2019).

Durante a pandemia de COVID-19, a literatura científica ressaltou a urgência da escuta enquanto prática imprescindível, apontando que a presença atenta e a validação da experiência se tornaram essenciais para lidar com lutos, ansiedades e sobrecargas emocionais, sendo recomendada como intervenção breve e acessível em contextos de crise (Tuma; Horta; Mazzaia, 2021).

O cuidado dialógico, sustentado pela escuta sensível, evidencia-se como prática coautoral, na qual usuários e profissionais constroem conjuntamente projetos de intervenção, negociam metas e atribuem significados ao processo terapêutico, fortalecendo o protagonismo do sujeito e a democratização das decisões em saúde (Guanaes-Lorenzi, 2013).

2.2 PERSPECTIVAS INTEGRATIVAS E HUMANIZAÇÃO

A perspectiva integrativa parte do reconhecimento de que a saúde não se restringe ao corpo biológico, mas envolve dimensões psicológicas, sociais, culturais e espirituais, o que exige uma abordagem terapêutica que vá além do modelo biomédico tradicional, promovendo a escuta como ferramenta essencial para integrar diferentes aspectos da vida e sustentar práticas de cuidado ampliado (Kalichman; Ayres, 2016).

Na prática clínica, a escuta sensível ganha caráter integrativo ao possibilitar que o terapeuta transite entre dimensões emocionais, cognitivas e relacionais, construindo um campo terapêutico que legitima o sujeito em sua totalidade e evita reducionismos, sendo este processo fortalecido pela atitude empática e congruente própria da abordagem centrada na pessoa (Rogers, 2009).

A literatura evidencia que a escuta qualificada não é apenas técnica de comunicação, mas ato político e ético, por meio do qual se produzem vínculos, se reconhecem direitos e se validam experiências de sofrimento, configurando a prática de cuidado como coprodução e não como imposição unilateral (Santos, 2019).

Durante processos de atenção psicossocial, a escuta integrativa também permite construir itinerários terapêuticos mais ajustados às demandas do usuário, incorporando saberes populares e comunitários, articulando-os com o conhecimento técnico e evitando a fragmentação das práticas, o que reforça a horizontalidade da relação (Maynart et al., 2014).

A teoria humanista reforça essa concepção ao propor que a consideração positiva incondicional constitui um dos fundamentos da escuta integrativa, já que legitima o sujeito independentemente de suas escolhas, atitudes ou condições, favorecendo ambiente de aceitação que amplia a capacidade de transformação e crescimento pessoal (Almeida, 2009).

Na perspectiva da psicoterapia integrativa, a escuta sensível opera como núcleo do processo relacional, possibilitando ao terapeuta reconhecer rupturas de contato e promover reconexões reparadoras, o que contribui para a integração de experiências fragmentadas e favorece o desenvolvimento humano em sua totalidade (Erskine; Moursund, 2022).

Pesquisas em contextos educativos e de formação mostram que a escuta sensível, aplicada de maneira integrativa, potencializa processos emancipatórios, pois convoca a reflexão crítica, fortalece a autonomia e cria espaços de fala em que diferentes vozes e saberes são reconhecidos, valorizando a diversidade e a pluralidade de experiências (Pontes; Cancherini; Franco, 2012).

A atuação em saúde durante a pandemia de COVID-19 demonstrou a urgência de abordagens integrativas, nas quais a escuta era elemento indispensável para lidar com múltiplas dimensões do sofrimento, revelando que a capacidade de acolher e legitimar experiências se tornou tão importante quanto a intervenção técnica no enfrentamento de crises (Tuma; Horta; Mazzaia, 2021).

Em oficinas de formação em psicologia, práticas integrativas de escuta possibilitaram aos estudantes desenvolver maior sensibilidade clínica, capacidade reflexiva e abertura para dimensões subjetivas, constituindo habilidades essenciais para a atuação profissional em contextos complexos e desafiadores (Dourado et al., 2016).

No âmbito das práticas integrativas e complementares em saúde, a escuta sensível aparece como instrumento que fortalece a adesão terapêutica e a corresponsabilização do usuário, pois valoriza seus significados, suas narrativas e suas formas de compreender o adoecimento, reconhecendo-o como protagonista do processo de cuidado (Mesquita; Carvalho, 2014).

O caráter humanizador da escuta também se expressa na possibilidade de reorganizar os fluxos institucionais de saúde, criando condições mais éticas, solidárias e participativas, nas quais usuários e profissionais compartilham responsabilidades e constroem, de forma conjunta, soluções para os problemas vivenciados no cotidiano (Guanaes-Lorenzi, 2013).

Assim, a escuta sensível na perspectiva integrativa e humanizadora reafirma-se como prática fundamental para o fortalecimento dos vínculos, a promoção da integralidade e a democratização das relações terapêuticas, constituindo não só técnica de comunicação, mas um modo de estar com o outro e de conceber o cuidado em sua dimensão mais ampla.

2.3 INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A escuta sensível, quando analisada no campo da inovação, mostra -se como recurso capaz de transformar a própria concepção de cuidado, pois desloca práticas centradas no modelo biomédico para propostas integrativas que incorporam subjetividade, cultura e espiritualidade, produzindo avanços que se alinham às demandas contemporâneas por atenção mais humanizada (Mesquita; Carvalho, 2014).

Na perspectiva epistemológica, a inovação proposta por Barbier ao introduzir a escuta sensível como metodologia transversal amplia horizontes do desenvolvimento humano, pois permite que dimensões científicas, poéticas e éticas se encontrem, fornecendo à prática terapêutica um caráter mais completo e aberto ao inesperado (Barbier, 1998).

Estudos no campo da integralidade em saúde mostram que a inovação não se restringe ao uso de novas tecnologias duras, mas inclui também o fortalecimento de tecnologias relacionais como a escuta, que potencializam a construção coletiva de projetos de vida e ampliam a autonomia dos sujeitos atendidos, em consonância com princípios de justiça e equidade (Kalichman; Ayres, 2016).

Sob a ótica da abordagem centrada na pessoa, a escuta sensível promove inovação ao instaurar um modelo relacional baseado na empatia, na congruência e na aceitação incondicional, em que o desenvolvimento humano emerge da capacidade de o sujeito reorganizar sua própria experiência quando encontra um espaço seguro e validante (Rogers, 2009).

A consideração positiva incondicional representa uma inovação ética no cuidado, pois desafia práticas de julgamento e exclusão, propondo um modo de relação baseado na aceitação radical, que permite o florescimento da singularidade e fortalece a capacidade de autorregulação e crescimento do indivíduo (Almeida, 2009).

A escuta sensível em contextos pedagógicos é igualmente inovadora, pois transforma espaços de ensino em ambientes de diálogo, nos quais narrativas se tornam material de reflexão e de produção de conhecimento, estimulando processos de autoria, emancipação e fortalecimento de competências socioemocionais (Pontes; Cancherini; Franco, 2012).

Durante a pandemia de COVID-19, a escuta se configurou como inovação em meio ao caos sanitário e emocional, oferecendo sustentação simbólica diante do sofrimento coletivo, revelando que, em determinados contextos, a maior inovação em saúde não está em dispositivos tecnológicos complexos, mas na capacidade de ouvir com sensibilidade e presença (Tuma; Horta; Mazzaia, 2021).

A prática dialógica de cuidado sustenta a inovação ao propor relações horizontais entre profissionais e usuários, em que decisões são compartilhadas e significados coconstruídos, fortalecendo a democracia no cuidado e ampliando as possibilidades de desenvolvimento humano em direção a maior autonomia e protagonismo (Guanaes-Lorenzi, 2013).

No campo da psicoterapia integrativa, a inovação se traduz na centralidade atribuída ao relacionamento, em que a escuta não é apenas técnica auxiliar, mas elemento nuclear de transformação, permitindo integrar dimensões cognitivas, afetivas, corporais e relacionais em processos que restauram conexões rompidas e favorecem reconexões reparadoras (Erskine; Moursund, 2022).

Assim, comprehende-se que a escuta sensível constitui tanto uma prática de inovação quanto uma ferramenta de promoção do desenvolvimento humano, na medida em que fortalece vínculos, legitima experiências e amplia horizontes de sentido, mostrando que a verdadeira inovação está na capacidade de escutar o outro em sua inteireza e de transformar essa escuta em cuidado vivo e criativo.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como de natureza bibliográfica, pois parte da análise sistemática de obras já publicadas e reconhecidas, buscando consolidar um quadro teórico capaz de iluminar o fenômeno estudado, no caso a escuta sensível como ferramenta terapêutica, prática que demanda a articulação de diferentes campos do conhecimento, conforme apontam os princípios metodológicos da investigação social (Gil, 2019).

Segundo os fundamentos clássicos da metodologia científica, a pesquisa bibliográfica consiste na utilização de material já elaborado, como livros, artigos e dissertações, permitindo ao pesquisador compreender o estado atual do conhecimento sobre determinado objeto e identificar lacunas que

possam orientar futuras investigações, o que torna esse tipo de abordagem um caminho rigoroso e eficiente (Marconi; Lakatos, 2017).

Para a condução da pesquisa, seguiram-se etapas clássicas de um levantamento bibliográfico, iniciando-se com a definição do problema de investigação, seguida pela formulação dos objetivos, em consonância com a orientação de que toda pesquisa deve estruturar-se a partir de questões bem delimitadas que orientem o processo de análise (Marconi; Lakatos, 2017).

A análise e a interpretação dos dados seguiram a orientação de que a pesquisa científica deve transcender a simples descrição, avançando para a compreensão e explicação do fenômeno, o que implica relacionar os conceitos encontrados com a problemática inicial, de modo a oferecer respostas consistentes e fundamentadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa demonstram que a escuta sensível, quando compreendida como tecnologia relacional, amplia a efetividade dos processos terapêuticos, pois fortalece vínculos, legitima narrativas e ressignifica experiências, atuando como elemento central para a humanização do cuidado em saúde e para a ampliação do desenvolvimento humano (Mesquita; Carvalho, 2014).

A análise da literatura mostra que a escuta qualificada em serviços psicossociais promove reorganização do cuidado e criação de itinerários terapêuticos singulares, capazes de responder às especificidades de cada indivíduo, o que a diferencia de práticas mecanizadas e contribui para maior adesão e corresponsabilização dos usuários (Maynart et al., 2014).

Verificou-se ainda que a escuta sensível, fundamentada na proposta de Barbier, constitui inovação metodológica ao integrar dimensões científicas, poéticas e éticas, oferecendo ao profissional a possibilidade de dialogar com aspectos racionais e subjetivos do paciente, o que potencializa a compreensão integral e favorece intervenções transformadoras (Barbier, 1998).

No contexto da integralidade em saúde, os achados indicam que a escuta não é apenas técnica, mas prática estruturante de sistemas mais justos e equitativos, visto que possibilita identificar demandas ocultas, articular diferentes setores e promover a corresponsabilidade no cuidado, aspectos fundamentais para a democratização do acesso (Kalichman; Ayres, 2016).

Constatou-se que, na abordagem centrada na pessoa, a escuta assume função terapêutica ao sustentar condições de empatia, congruência e aceitação incondicional, tornando-se promotora de autonomia e crescimento, o que reafirma sua importância como instrumento essencial de inovação clínica e de fortalecimento da subjetividade (Rogers, 2009).

A literatura confirma que a consideração positiva incondicional configura avanço ético e humanizador, pois desafia práticas excludentes e instaura ambiente de acolhimento radical, em que o

sujeito pode se expressar sem medo de julgamentos, condição indispensável para processos de mudança e de reorganização da experiência (Almeida, 2009).

Outro resultado relevante foi a demonstração de que oficinas e práticas de treinamento em escuta, aplicadas a estudantes de psicologia, contribuem para o desenvolvimento de sensibilidade clínica, capacidade reflexiva e manejo ético dos silêncios, favorecendo a formação de profissionais mais atentos às necessidades humanas e mais preparados para intervir (Dourado et al., 2016).

Os estudos em ambientes educacionais reforçam que a escuta sensível, além de recurso terapêutico, é ferramenta metodológica de emancipação, capaz de promover autoria, crítica e autonomia, ampliando a formação integral dos indivíduos e possibilitando a criação de contextos educativos mais participativos e dialógicos (Pontes; Cancherini; Franco, 2012).

Os resultados também evidenciam que em serviços de atenção primária a escuta qualificada se configura como eixo da humanização, articulando promoção, prevenção e reabilitação, possibilitando planos de cuidado mais próximos da realidade do usuário e contribuindo para práticas mais resolutivas e éticas (Santos, 2019).

No período da pandemia, observou-se que a escuta foi central no enfrentamento de crises emocionais e sociais, pois ofereceu espaço de acolhimento para lutos, ansiedades e angústias, revelando que em cenários críticos a escuta sensível constitui prática terapêutica indispensável e inovadora, superando até mesmo tecnologias materiais de alto custo (Tuma; Horta; Mazzaia, 2021).

Evidenciou-se que a escuta, ao ser compreendida como coautoria, fortalece práticas dialógicas de cuidado, nas quais profissionais e usuários constroem conjuntamente significados e decisões, reorganizando relações de poder e produzindo autonomia, o que se traduz em processos terapêuticos mais democráticos e inclusivos (Guanaes-Lorenzi, 2013).

A análise também aponta que a psicoterapia integrativa, ao valorizar a relação como núcleo transformador, reforça a escuta como centro de mudança clínica, pois possibilita a integração de dimensões cognitivas, emocionais e corporais, restabelecendo conexões interrompidas e favorecendo reconexões reparadoras (Erskine; Moursund, 2022).

Outro ponto de destaque foi a constatação de que a escuta sensível favorece a inovação não somente em práticas de saúde, mas também em processos educativos e sociais, ao estimular o diálogo, a criatividade e a valorização das narrativas, constituindo prática de transformação pessoal e coletiva (Barbier, 2002).

Os achados também revelam que a escuta qualificada promove impacto positivo em indicadores de saúde como autoestima, qualidade de vida e bem-estar emocional, mostrando-se prática integrativa que transcende o espaço clínico e se insere em contextos comunitários e pedagógicos como tecnologia social relevante (Mesquita; Carvalho, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu reconhecer a escuta sensível como ferramenta terapêutica central para o fortalecimento da humanização e da integralidade no cuidado, constituindo-se como prática que transforma a relação entre profissional e usuário e amplia a qualidade do vínculo estabelecido.

Ao compreender a escuta como tecnologia leve e inovadora, observou-se que sua aplicação transcende o âmbito clínico, alcançando contextos educativos, sociais e comunitários, demonstrando ser recurso versátil que responde às demandas contemporâneas de atenção mais próxima, ética e dialógica.

Os resultados revelaram que a escuta sensível favorece processos de emancipação e protagonismo, pois reconhece o sujeito em sua totalidade e valida sua narrativa, fortalecendo a autonomia, o autocuidado e a corresponsabilização nos processos terapêuticos e sociais.

No campo do desenvolvimento humano, destacou-se que a escuta possibilita a integração de dimensões emocionais, cognitivas, relacionais e espirituais, constituindo-se como recurso que potencializa a construção de sentidos e a reorganização de experiências, abrindo caminhos para trajetórias mais criativas e resilientes.

Ao longo da pesquisa, também ficou evidente que a inovação não reside apenas na adoção de tecnologias materiais, mas sobretudo na capacidade de promover espaços de acolhimento e diálogo, nos quais a escuta sensível se torna prática transformadora que ressignifica o cuidado e amplia horizontes de ação.

Os achados apontaram que a escuta sensível é prática indispensável para a qualificação do trabalho em saúde, mas também para a formação acadêmica e profissional, pois desenvolve habilidades relacionais fundamentais que fortalecem a ética, a empatia e a presença no encontro com o outro.

A consolidação da escuta como ferramenta terapêutica demanda investimentos em formação, pesquisa e políticas institucionais que garantam sua efetivação, permitindo que profissionais de diferentes áreas possam aplicá-la de maneira crítica, reflexiva e inovadora em seus contextos de atuação.

Assim sendo, a escuta sensível representa não necessariamente um recurso metodológico, mas um modo de ser e de estar em relação com o outro, configurando-se como prática essencial para a promoção do desenvolvimento humano e para a construção de uma sociedade mais solidária, participativa e ética.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Consideração positiva incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. *Temas em Psicologia*, v. 17, n. 1, p. 197-202, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100011.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 167-190.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano Editora, 2002.

DOURADO, Ana Maria; QUIRINO, Carlos Augusto; LIMA, Maria Betânia Alves; MACÊDO, Silvana. Experiências de estudantes de psicologia em oficinas de desenvolvimento da escuta. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 22, n. 2, p. 209-218, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200011.

ERSKINE, Richard G.; MOURSUND, Janet P. *Integrative psychotherapy: the art and science of relationship*. London: Phoenix Publishing House, 2022.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUANAES-LORENZI, Carla. A construção do cuidado no diálogo entre usuários e profissionais de saúde. *Saúde & Transformação Social*, v. 4, n. 3, p. 43-51, 2013. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/2157>.

KALICHMAN, Ariadne O.; AYRES, José Ricardo de C. M. Integralidade e tecnologias de atenção à saúde: uma narrativa sobre contribuições conceituais à construção do princípio da integralidade no SUS. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 32, n. 8, e00183415, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00183415>.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MAYNART, Willams Henrique da Costa; ALBUQUERQUE, Maria Cícera dos Santos de; BRÊDA, Mércia Zeviani; JORGE, Jorgina Sales. A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 27, n. 4, p. 300-304, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/tg5PYmrpJm9xR9c2mMCWqSc>.

MESQUITA, Ana Cláudia; CARVALHO, Emília Campos de. A escuta terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 6, p. 1127-1136, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/5WwTvQ5q7F6qvhBrDMLWBcG>.

PONTES, Rosana Aparecida Ferreira; CANCHERINI, Ângela; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A escuta sensível como instrumento metodológico. *Revista CAMINE: Caminhos da Educação*, v. 4, n. 2, 2012. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/619>.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SANTOS, Angélica Brandão. Escuta qualificada como ferramenta de humanização do cuidado em saúde mental na Atenção Básica. *APS em Revista*, v. 1, n. 2, p. 170-179, 2019. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/23>.



SOUZA, Suzy Anne Lopes de; SILVEIRA, Lia Márcia Cruz da. (Re)Conhecendo a escuta como recurso terapêutico no cuidado à saúde da mulher. *Psicologia e Saúde*, v. 11, n. 1, p. 19-42, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000100002.

TUMA, Maria Carolina Braga; HORTA, Ana Lucia de Moraes; MAZZAIA, Maria Cristina. Saúde mental durante a pandemia COVID-19: escuta é imprescindível. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 34, Editorial, 2021. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021EDT00024>.